

Processos de criação de arte educadores/as: a elaboração de recursos didáticos-brinquedos para que bebês aprendam (com) arte

Creation processes of art educators:
the elaboration of didactic resources-
toys for babies to learn (with) art

Regina Ridão Ribeiro de Paula¹
João Paulo Baliscei²

¹ Graduanda do terceiro ano de Artes Visuais da Universidade Estadual de Maringá - UEM, participa do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens, o ARTEI. Desenvolve um Projeto Iniciação Científica - PIC intitulado "Para que bebês brinquem com Arte: Processo Criativo e elaboração de Recursos Didáticos para o ensino de Arte na Educação Infantil".
Link para Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9337254115191656>.

² Doutor em Educação (2018) pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Maringá com estudos na Facultad de Bellas Artes/ Universitat de Barcelona, Espanha. É professor no curso de Artes Visuais na Universidade Estadual de Maringá e coordenador do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens - ARTEI. Desenvolve pesquisas sobre Educação, Arte/ Ensino de Arte; Estudos Culturais; Estudos da Cultura Visual; Visualidades; Gênero e Masculinidades.
Link para Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6980650407208999>.

Resumo

Nesta reflexão, temos como objetivo refletir sobre o processo de criação de arte educadores/as na elaboração de recursos didáticos-brinquedos - artefatos que contribuem para que bebês brinquem e aprendam (com) Arte. Os pressupostos teórico-metodológicos que orientaram esta pesquisa e os processos de criação que ela envolveu têm relações com os Estudos da Cultura Visual. Como resultado, descrevemos a experiência que vivenciamos no Estágio Supervisionado em Artes Visuais, com uma turma de bebês da Educação Infantil e comentamos sobre os recursos didáticos-brinquedos criados por nós. Também compartilhamos três critérios para incentivar docentes na criação de seus próprios recursos didáticos-brinquedos argumentando sobre as potências que a atuação de profissionais com formação específica em Artes Visuais pode acarretar para a Educação Infantil..

Palavras-chave

Educação; Arte educação; Educação Infantil; Estágio Supervisionado; Formação de professores.

Abstract

In this reflection, we aim to reflect on the process of creating art educators in the elaboration of didactic resources-toys - artifacts that contribute for babies to play and learn (with) Art. The theoretical and methodological assumptions that guided this research and the creative processes that it involved are related to the Studies of Visual Culture. As a result, we describe the experience we had in the Supervised Internship in Visual Arts, with a group of babies from Early Childhood Education and comment on the didactic-toys resources created by us. We also share three criteria to encourage teachers to create their own educational resources-toys arguing about the powers that the performance of professionals with specific training in Visual Arts can bring to Early Childhood Education.

Keywords

Education; Art education; Child education; Supervised internship; Teacher training.

ISSN: 2447-1267

Introdução

Essa reflexão é um desdobramento das atividades de Estágio Supervisionado na Educação Infantil que realizamos em 2019, em um curso de Graduação em Artes Visuais na Universidade Estadual Maringá – UEM, Maringá, Paraná, e guarda relações com nossa participação no Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens, o ARTEI¹. Nossa trajetória durante essa vivência culminou, como era de se esperar, na formulação de várias perguntas, sendo que uma delas atua, aqui, como nosso problema de pesquisa: Como a experiência com recursos didáticos-brinquedos pode contribuir para o Ensino de Arte na Educação Infantil?

Ampliar e diversificar as formas de pensar o processo de criação de arte educadores/as na elaboração de recursos didáticos são ações que colaboram tanto para expansão do repertório imagético dos/as alunos/as, quanto para a desestabilização dos/as próprios/as docentes que, muitas vezes, encontram-se acomodados/as ao uso convencional dos mesmos recursos. Entendemos que o uso de recursos didáticos possibilita interações entre as crianças e os/as adultos/as, podendo assim atender à exigência anunciada pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018) quando confere diretrizes para a Educação Infantil. Nesse documento, por exemplo, sublinha-se a necessidade de os/as docentes agirem para que a criança possa “[...] ampliar o modo de perceber a si mesma e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos” (BRASIL, 2018, p.38).

Entendendo a especificidade das Artes Visuais e as maneiras como essa área do conhecimento se relaciona com o brincar e com outras habilidades potencializadas na infância, buscamos, assim, a partir daquilo que aqui denominamos como Recursos Didáticos-Brinquedos, destacar a necessidade da intencionalidade educativa de docentes ao criar os recursos didáticos. Recordamo-nos da recomendação feita por Fernando Hernández (2007, p. 85) aos/às professores/as e pesquisadores/as para que estejam atentos/as aos problemas e temas da cultura visual que tenham como disparadores as experiências dos/as estudantes; isso para que o aprender alcance conquistas para além de uma obrigação curricular, e para que se torne uma oportunidade de experiências subjetivas.

O interesse pelo desenvolvimento deste artigo e a aproximação que estabelecemos com os Estudos da Cultura Visual - ECV se deram pelo percurso entre discussões teóricas, processos de criação e práticas de Estágio Supervisionado. Os Estudos da Cultura Visual são um campo de investigação que enfatizam as maneiras como os sujeitos interagem com as visualidades a sua volta. Desta forma, contemplam uma gama de artefatos visuais que integra as imagens da Arte, mas que não se limita a elas.

Nesta pesquisa, especificamente, dentre tantos artefatos da cultura visual,

¹ Atuante desde abril de 2019, o ARTEI desenvolve debates e pesquisas relacionados ao Ensino de Arte, aos Estudos da Cultura Visual, às Relações de Gênero e à construção visual das infâncias.

debruçamo-nos sobre os recursos didáticos de arte educação, primeiro, por serem dispositivos pensados para situações de ensino, e segundo, por serem resultado do processo de criação de arte educadores/as. Desta forma, temos o objetivo de refletir sobre o processo de criação de arte educadores/as na elaboração de recursos didáticos-brinquedos - artefatos que contribuem para que bebês brinquem e aprendam (com) Arte.

Para isso, organizamos esta reflexão em três tópicos. Primeiro descrevemos nossa experiência de Estágio Supervisionado na Educação Infantil. Depois apresentamos pressupostos teórico-metodológicos dos ECV e, por fim, antes de compartilhar nossas considerações finais, levantamos três critérios que podem orientar e incentivar professores/as - arte educadores/as ou não - na elaboração de seus próprios recursos didáticos-brinquedos.

O Estágio Supervisionado e o processo de criação

O Estágio Supervisionado nos proporcionou observações participativas em um Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI público de Maringá, onde acompanhamos uma turma de Infantil 1, composta por 25 alunos/as com idade entre 11 meses e 1 ano e 11 meses. Nessas observações, notamos a necessidade que os/as bebês manifestavam por explorarem os objetos e recursos didáticos disponibilizados pelas docentes. Além disso, durante as aulas de Estágio que eram paralelamente desenvolvidas na Universidade, tivemos orientações para elaboração de recursos didáticos que foram utilizados por nós, posteriormente, na mediação para o desenvolvimento e aplicação das aulas que conduzimos no CMEI. A elaboração desses recursos, consideramos, implicou debater e exercitar o processo de criação de arte educadores/as ainda em formação, já que, nessa atividade, exploramos diferentes materiais, texturas, cores e visualidades e tomamos decisões, pensadas tanto a partir do brincar como a partir de nossa intenção por ensinar Arte.

As observações que realizamos semanalmente, a partir das quais acompanhamos as atividades conduzidas pela professora responsável pela turma do Infantil 1 ao longo do primeiro mês serviram como disparadores que nos levaram a estudar e experimentar possíveis respostas para as dificuldades que havíamos identificado quanto às propostas de arte educação para bebês.

Recordamo-nos das pesquisas de Susana Rangel Vieira da Cunha (1995) quando argumenta que bebês e crianças pequenas aprendem a partir da percepção oportunizada pelos cinco sentidos. A autora recomenda que os/as arte educadores/as levem isso em consideração em suas intervenções e que se utilizem de materiais artístico-expressivos que possam potencializar a visão, o tato, o paladar e a audição dos sujeitos infantis. Portanto, quando elaboramos os recursos didáticos que mediaram nossa intervenção com os/as bebês da Educação Infantil, pensamos na criação intencional de recursos didáticos-brinquedos, isto é, de dispositivos com os

quais os sujeitos infantis pudessem não apenas aprender, mas brincar com Arte.

Saber o que usar, quando usar e de que forma usar faz diferença no processo de cognição e aprendizagem dos sujeitos envolvidos, sobretudo quando nos referimos aos/às bebês já que, por suas condições epistemológicas, tendem a aprender e a interagir a partir de brincadeiras, experimentações, imitações e visualidades. Nesse sentido, o ato de “imitar” possibilitado pela utilização dos recursos didáticos-brinquedos, explicamos, é diferente da cópia “esvaziada” a partir da qual são oferecidos modelos para serem reproduzidos indiscriminadamente. A imitação oportunizada pelos recursos didáticos-brinquedos nos parece se aproximar do conceito atribuído por Edith Derdyk (1994, p.110), que a define como uma prática que “[...] não implica necessariamente a ausência de originalidade e de criatividade, mas o desejo de incorporar objetos que lhe suscitam interesse”. A autora ainda destaca que é necessário que a criança tenha referenciais externos sólidos para adquirir noções sobre os objetos e sobre si mesma.

Logo, na elaboração de nossas intervenções, ambicionamos o desenvolvimento de recursos didáticos-brinquedos que, por um lado, fossem estrategicamente pensados para potencializar o processo de criação de arte educadores/as em formação em suas vivências com o Estágio Supervisionado, e por outro, que possibilitassem, por meio da imitação dos/as alunos/as, o contato, a percepção, a experimentação e o acesso aos conhecimentos das Artes Visuais que didaticamente elegemos.

Na ocasião da realização do Estágio Supervisionado, optamos por trabalhar com pinturas de Aldemir Martins (1922-2006), dando ênfase para os temas e cores retratados por esse artista brasileiro. Nascido em Aurora, no Ceará, Aldemir é reconhecido por suas obras de cores vibrantes e bem delimitadas e cujas temáticas dão formas alegres aos animais e às práticas culturais que são populares no nordeste brasileiro. Para apresentar esse artista aos/às bebês da Educação Infantil, consideramos o tempo de nossa intervenção e optamos por fazer um recorte temático: selecionamos quatro obras do artista que, em comum, representam peixes. Em contato com os recursos didáticos-brinquedos criados a partir das obras de Aldemir, as crianças e bebês da Educação Infantil brincaram e criaram suas narrativas com os/as colegas e professoras como descrevemos detalhadamente em uma outra pesquisa de nossa autoria (BALISCEI e PAULA, 2020). Nela, demos ênfase para a maneira como as crianças e bebês reagiram às Máscaras de mergulho – recursos didáticos-brinquedos que criamos, intencionalmente, para que as crianças olhassem e brincassem com os peixes das obras de Aldemir Martins, como evidenciamos na Figura 1.



Figura 1: Máscaras de mergulho. Fonte: Registro da autora e autor, 2019.

As máscaras de mergulho e os comentários e enunciados que fizemos às crianças as convidaram a se imaginarem no fundo do mar e a olharem de perto e com mais atenção as cores, formas e características dos peixes de Aldemir Martins. Dessa forma, sublinhamos que houve, de nossa parte, intencionalidade pedagógica na escolha não só da cor (azul) e do material (plástico transparente) com os quais constituímos esse recurso didático-brinquedo, mas também na escolha do tamanho, do peso e da forma das máscaras para que elas se ajustassem aos rostos infantis e para que atendessem às condições das crianças que interagiriam com e a partir delas.

Em contato com as máscaras de mergulho e com os outros recursos didáticos-brinquedos que criamos, os/as bebês apresentaram, carregaram e interagiram com as reproduções das obras de Aldemir Martins e, em alguns casos, balbuciavam palavras como “peixe” e “azul”. As professoras, por sua vez, expressaram contentamento e algumas delas aproveitaram para (d)escrever nas agendas das crianças as palavras novas que balbuciaram. Como analisamos em outra pesquisa, “[...] após a disponibilização das máscaras de mergulho e dos nossos gestos, [as obras de Aldemir] tornaram-se brinquedos atrativos para os quais os e as alunas olhavam e apontavam” (BALISCEI e PAULA, 2020, p. 425).

Com efeito, o tema de processo de criação de recursos didáticos-brinquedos e as proposições de arte educação para crianças e bebês têm repercutido como disparadores para nós, acarretando inquietações e interesses que ultrapassaram os limites temporais e físicos do Estágio Supervisionado. Tendo finalizado aquela experiência, agora, continuamos impulsionados a pensar em pressupostos teórico-metodológicos específicos que possam orientar as ações e escolhas pedagógicas de arte educadores/as em seus processos de criação, em especial, quando tais processos envolvem a elaboração de recursos didáticos. Nessa empreitada, deparamo-nos com os Estudos da Cultura Visual – campo de investigação sobre o qual temos nos debruçado para pensar a nossa identidade docente, o processo de criação de recursos

didáticos-brinquedos e a prática de arte educação com os bebês e demais crianças da Educação Infantil.

Os Estudos da Cultura Visual

Um dos campos de investigação que tem nos auxiliado a formular ideias e critérios para a elaboração daquilo que aqui denominamos como recursos didáticos-brinquedos são os Estudos da Cultura Visual. Os ECV, segundo Hernández (2007), são um campo de investigação que surgiu a partir dos Estudos Culturais como um instrumento crítico e político nos estudos visuais, e têm como ponto central a imagem. Os ECV, assim, guardam relação com uma educação comprometida em problematizar a influência das imagens nas formas de pensar, sentir e agir, permitindo aos indivíduos refletir sobre os contextos sócio-históricos em que suas identidades são (trans)formadas. De modo semelhante, Luciana Borre Nunes (2010, p. 54) reconhece que as visualidades produzam pensamentos “[...] sobre as maneiras de se perceber o cotidiano” e que os ECV oferecem aspectos teóricos e metodológicos interessantes para repensarmos algumas práticas de arte educação que permanecem desatualizadas.

Em nossas experiências com o Estágio Supervisionado, por exemplo, corroboramos algumas das críticas elaboradas em relação à prática de arte educação na Educação Básica como um todo, como aquelas tecidas por Erinaldo Alves do Nascimento, Idália Beatriz Lins de Souza e Clícia Tatiana Alberto Coelho (2015). O autor e as autoras criticam o espaço “disciplinador” que a arte acaba por assumir nesses ambientes. Para essa análise, jogam com as palavras “encantador” e “dor” para descrever as escolas como espaços que segregam e teorizam as intersubjetividades dos sujeitos infantis. A partir da crítica que fazem a esse “mundo encanta/dor”, explicam que uma atividade artística fundamentada nos ECV não pode visar apenas resultados “bonitos” e “agradáveis” para serem exibidos em exposições, datas comemorativas e recepção de familiares, mas precisam objetivar uma construção múltipla de saberes em Artes Visuais.

Na aproximação que o Estágio Supervisionado nos proporcionou à Educação Infantil percebemos a presença e uso de imagens decorativas e estereotipadas, criadas para enfeitar portas, pátios, paredes e painéis, sendo, em sua maioria, feitas por adultos/as e não pelas próprias crianças. Aproximamos essa forma específica de utilizar as imagens com o termo “encanta/dor”, evidenciado por Nascimento, Souza e Coelho (2015, p. 285), por considerarmos que elas também suscitam “[...] encantamento e coerção, sedução e dor”. São imagens “bonitas”, porém, que não podem ser tocadas, acessadas pelas crianças, e com as quais, como verificamos no período em que estivemos ali, pouco ou nada se podem brincar.

Diante desse cenário, durante o processo de criação e experimentação dos recursos didáticos-brinquedos, partimos da premência que as crianças, sobretudo os/as bebês, precisam interagir com os objetos e imagens que lhes são apresentados.

Observações que foram materializadas na criação de um segundo recurso didático-brinquedo que denominamos de **Garrafinhas do fundo do mar**. Como mostra as imagens em destaque na Figura 2, esse recurso didático-brinquedo fora feito com garrafas pequenas. A água azul, o *glitter*, os dois peixinhos feitos com bexiga e a intencionalidade pedagógica de arte educadores/as em formação inicial transformaram as garrafas em recursos didáticos-brinquedos. A imagem ao lado, retrata duas crianças brincando e aprendendo com as garrafinhas do fundo do mar e com a máscara de mergulho.



Figura 2: Garrafinhas do fundo do mar. Fonte: Registro da autora e autor, 2019.

Esse recurso foi utilizado por nós para que as crianças e bebês pudessem, metaforicamente, ter acesso, mais uma vez, a um pequeno pedaço do fundo do mar, experimentando diferentes sensações. Quando entregamos as garrafas aos/às alunos/as, percebemos a potencialidade do objeto enquanto recurso didático para a prática de arte educação na Educação Infantil: os/as alunos/as observaram o movimento do *glitter* na água azul; os peixinhos feitos de bexigas coloridas; e os olhinhos que balançavam ao serem chacoalhados, dinamicamente. Além disso, conforme nossos enunciados, as crianças e bebês perceberam as semelhanças entre os peixes que flutuavam nas garrafinhas e aqueles pintados por Aldemir Martins, além de traçarem outras aproximações.

Consideramos, portanto, que nossa proposta se difere da educação bancária criticada por Paulo Freire (1987), segundo a qual, os/as educadores/as seriam aqueles/as que “depositam”, “transferem” e “transmitem” conhecimentos de modo mecânico. Na concepção de educação bancária, da qual procuramos nos afastar, os/as alunos/as são enxergados como uma espécie de “depósito” para guardar informações. A forma de ensinar a que nos propomos contempla a criatividade e a transformação e ambiciona o saber que Freire (1987, p. 38) diz ser encontrado “[...] na invenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros”.

Para a perspectiva freireana, assim como para os ECV, considerar as experiências

distintas é reconhecer que estamos incompletos/as e que, independentemente da idade, o saber é e poderá ser sempre acrescentado tanto para os/as professores/as quanto para as crianças. Neste interim, apresentamos um terceiro recurso didático-brinquedo para as crianças: **O painel aquático**, em destaque na Figura 3.



Figura 3: Crianças do Infantil I interagindo com o painel aquático. Fonte: Registro da autora e autor, 2019.

Consiste em um painel de papel, sobre o qual colamos reproduções dos peixes de Aldemir Martins - as quais as crianças e bebês podiam colar, descolar, amassar e pintar – exercícios que, conforme percebemos durante as observações, as crianças gostavam de praticar. Após essa experimentação não direcionada do material, incentivamos as crianças a fixarem as reproduções no painel e a pintarem com tinta nos tons das imagens de Aldemir Martins. Também nesse caso, a escolha das cores não fora aleatória, assim como não foram também as escolhas pela dimensão do painel e pela sua fixação em um suporte vertical (a parede) em uma altura que as crianças poderiam acessar, facilmente. Também não foi aleatória a escolha do instrumento elegido por nós para que as crianças pudessem manusear as tintas.

Para chamar atenção para as texturas de bolinhas dos peixes representados pelo artista, utilizamos do plástico bolha como instrumento para manusear as tintas, e confeccionamos espécies de luvinhas com as quais vestimos as mãos das crianças. Quando em contato com a tinta e depois em contato com o suporte fixado à parede, a textura de bolhas, própria desse material, pôde proporcionar-nos um padrão de bolinhas semelhante àquele dos peixes representados por Aldemir Martins. Além disso, consideramos que, para os/as alunos/as, pintar utilizando as mãos seria uma atividade lúdica a partir da qual poderiam explorar seus movimentos mais amplos. Conforme Cunha (1995), é importante que os/as professores/as da Educação Infantil percebam que, em atividades de pintura, “[...] as mãos precedem os instrumentos (buchas e pincéis) [...]”, e que nesse momento de exploração dos movimentos “[...] as crianças necessitam de grandes superfícies de papel [...]” (CUNHA, 1995, p. 19). Por isso, então, dispomos para elas um painel grande, no qual puderam utilizar das mãos para conferir impressões nas cores verde e azul.

Para que aceitassem colocar o plástico bolha nas mãos, antes, brincamos com tal material, chamando atenção para a maciez e para o som das bolinhas estourando. Quando colocamos as luvas nas mãos das crianças e bebês, pedimos para que imaginassem que se tratavam das barbatanas dos peixes. Em seguida passamos tintas azul e verde nas luvas e estimulamos as crianças e bebês, individualmente, a tocarem no painel, produzindo impressões com a textura do plástico bolha, como destacamos na Figura 3.

Em todos esses casos, conversamos e interagimos com os/as alunos/as individualmente, demonstrando a afetividade e o cuidado que estão intrínsecos ao ato de ensinar, sobretudo quando tal atividade envolve bebês e crianças pequenas. Por fim, identificamos forte associação entre o “pintar” e o “brincar” e, desta forma, avaliamos que o ensino sobre as cores precisa ultrapassar o nível teórico e técnico e oportunizar exercícios práticos e de experimentação, ainda que o manuseio da tinta possa proporcionar desconfortos para os/as alunos/as e professores/as.

Para aplicar, na prática, alternativas de propostas que dinamizem as formas do aprender, pensamos em recursos didáticos-brinquedos voltados ao brincar; recursos que pudessem proporcionar experiências tanto do criar como do explorar. Supomos que a intencionalidade educativa que ambicionamos vai ao encontro da proposição de Freire (1987) que se volta para uma educação libertadora, que possibilita aos indivíduos a libertação da dependência emocional e o potencial de acreditar em si mesmos.

Três critérios para pensar o processo de criação de recursos didáticos-brinquedos

Como exercício de síntese de nossa reflexão, neste tópico que antecede as nossas considerações finais, pensamos em levantar três critérios a serem observados durante o processo de criação de recursos didáticos-brinquedos para ações de arte educação com crianças pequenas e bebês da Educação Infantil. Salientamos que esses critérios não foram delimitados por nós como regra ou metodologia, e tampouco precisam ser exatamente seguidos. Eles intentam apontar para possíveis caminhos para outros/as professores/as, arte educadores/as ou não, para que possam (re)pensar seus processos de criação durante a elaboração de recursos didáticos.

Como um **primeiro critério**, sugerimos que professores/as escolham um ou uma artista, o/a qual os/as impulsionará ao processo de criação dos recursos didáticos-brinquedos. A escolha desse/a artista precisa ser acompanhada de uma investigação sobre curiosidades de sua vida e história e da percepção atenta das características que permeiam as suas obras. Partindo dessa escolha e da pesquisa que a sucede, os/as docentes podem extrair temas específicos, questões que sejam iminentes ou importantes para serem relacionadas com a aula. Com isso, supomos, que podem se apropriar de outros saberes para interpretar e explorar a realidade, o que dialoga

com os Estudos da Cultura Visual e com o pensamento de Hernández (2007, p.35-36) quando chama atenção para os “[...] saberes que nos ajudem a dar sentido ao emergente e ao mutável, a compreendermos a nós mesmos e ao mundo em que se vive, tanto por parte do professorado como dos alunos”.

O **segundo critério** está relacionado à forma e à materialidade dos recursos didáticos-brinquedos, assim como às maneiras a partir das quais as produções do/a artista serão apresentadas às crianças e bebês. Para isso, os/as docentes podem recorrer a meios impressos, digitais e representativos, considerando a necessidade que os/as alunos/as têm de manipular e interagir com essas imagens, já que o contato físico e perceptivo com as produções de artistas proporcionam a expansão do repertório visual das crianças, inclusive de bebês. Para a formulação desse critério, consideramos a observação de Rosa Iavelberg (2013) de que o desenho não é inato e tampouco a criatividade é espontânea à criança, como por vezes se supõem no senso comum e até mesmo em contextos escolares a partir de afirmações como “não se pode interferir no desenho das crianças” ou como “a cópia e o modelo ‘podam’ a criatividade dos/as alunos/as”. Concordamos com a autora quando destaca que “[...] a criança se alimenta, entre outras fontes, da arte adulta a que tem acesso, que se configura como devir de seu trabalho a partir de um caminho próprio que ela mesma desenvolve” (IAVELBERG, 2013, p.18).

Assim, parece-nos fundamental que os/as alunos/as da Educação Infantil tenham acesso à produção artística como referência e modelo a partir do qual seus processos de criação começarão a ser pensados. A ênfase desse contato, contudo, precisa estar menos na apresentação de dados, datas e nomes e mais na interação que tais referências podem proporcionar – e nesse caso, a mediação docente e o conhecimento específico de profissionais da arte educação são fundamentais.

Por último, entendemos que a prática de arte educação para crianças pequenas e bebês pode ser trabalhada também juntamente com a família, sendo este o **terceiro critério** estabelecido por nós para a orientação de recursos didáticos-brinquedos. Para tanto, valorizamos a iniciativa do/a professor/a de criar recursos para que seus/suas alunos/as brinquem aprendendo e para que aprendam brincando para além dos espaços físicos da Educação Infantil. Recomendamos, portanto, que os recursos sejam elaborados com a intencionalidade de que as crianças possam levá-los para suas casas, ou ainda, pelo contrário, ser constituído a partir de elementos e materiais trazidos pelas crianças, em um exercício de aproximar as famílias das práticas vivenciadas nos espaços educativos. Sobre isso, Iavelberg (2013, p. 63) destaca que o “[...] trabalho de fidelização das famílias à educação em arte dos filhos é muito importante porque integra propósitos da casa e da escola em benefício do aluno”. Ainda nesta proposta de envolver os/as familiares com as atividades educativas, os/as professores/as podem sugerir passeios e visitas a lugares que estabeleçam diálogo com as atividades realizadas em sala de aula, o que se harmoniza com o pensamento de Iavelberg (2013, p.63) quando infere que devemos valorizar a “[...] participação social nos equipamentos e bens culturais disponíveis na região.”

Considerações Finais

A partir de nosso primeiro contato com um dos possíveis campos de trabalho para o qual estamos nos preparando desde o primeiro ano do curso de licenciatura – um CMEI -, entendemos que a experiência nesse espaço é, portanto, fundamental para a construção da identidade docente. O “fazer-se” professor/a e as habilidades que ele requer têm sido pensados e problematizados por nós, e neste artigo, especificamente, importamo-nos com o processo de criação de recursos didáticos-brinquedos.

Sobre isso, diante do que aqui foi exposto, entendemos a prática de arte educação na Educação Infantil requer a criação de recursos didáticos que promovam outras interações não direcionadas e para além do “fazer livre”. Pontuamos que a intencionalidade educativa que acompanhou o nosso processo de criação promoveu trocas significativas não apenas entre as crianças e bebês, mas também entre as professoras do CMEI os/as demais arte educadores/as em formação e, é provável, que nessa interação possamos encontrar o conhecimento e saber crítico e libertador defendidos por Freire (1987).

Referências

BALISCEI, João Paulo; PAULA, Regina Ridão Ribeiro de. Bebês também aprendem (com) as Artes Visuais: Criação de recursos didáticos a partir dos Peixes de Aldemir Martins. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v.9, n.16, 2020, p.416-434. Disponível em <<http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens/article/view/2133>>. Acesso em 17 de mai. de 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica: Brasília, 2018.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Pintando, bordando, rasgando, desenhando e melecando na educação infantil. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da (Org.). **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre: Mediação, 1995, p. 7-36.

_____. Uma arte do nosso tempo para as crianças de hoje. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de (Orgs.). **Arte Contemporânea e Educação Infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2017, p. 9-25.

DERDIK, Edith. **Formas de Pensar o Desenho: O desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual: transformando fragmentos em nova**

narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

IABELBERG, Rosa. **O Desenho Infantil e sua História**. In: Desenho na Educação Infantil. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2013. p. 14-64.

NASCIMETO, Erinaldo Alves; SOUZA, Idália Beatriz Lins; COELHO, Clícia Tatiana Alberto. Um mundo encanta/dor nas visualidades da educação infantil. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Educação da Cultura Visual: aprender... pesquisar... ensinar...** Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2015. p. 263-285.

NUNES, Luciana Borre. **As imagens que invadem as salas de aula: reflexões sobre cultura visual**. Aparecida: Idéias E Letras, 2010.

Recebido em 01 de abril de 2020.

Aprovado em 14 de maio de 2020.